

PROPOSIÇÕES VAGANTES: MULHERES ARTISTAS SULEANDO CONTEXTOS

DARA DE MORAES BLOIS¹; PEDRO ELIAS PARENTE DA SILVEIRA²; CLAUDIA ZIMMER³; RAQUEL FERREIRA⁴; EDUARDA (DUDA) GONÇALVES⁵ (*orientadora*);

¹Universidade Federal de Pelotas – darablois@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – pepsilveirarts@gmail.com

³Instituto Federal Catarinense - claudiazimmer1@gmail.com

⁴Instituto Federal do Rio Grande - raquel.ferreira@riogrande.ifrs.edu.br

⁵Universidade Federal de Pelotas – dudaeduarda.ufpel@gmail.com(*orientadora*)

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo nomeado de: *Proposições vagantes: mulheres artistas suleando contextos*, abordará o modo ao qual nós, mulheres artistas exploramos o mundo aos moldes dos artistas viajantes do passado e da contemporaneidade. O estudo é oriundo de ações vinculadas ao projeto de pesquisa “Proposições Vagantes: Mulheres Artistas Suleando Contextos”. O Grupo é composto pelas professoras/pesquisadoras: Duda Gonçalves, Raquel Ferreira e Claudia Zimmer e a bolsista (CNPq/UFPel) Dara Blois, que possuem como método em comum o caminhar, para prospectar e produzir arte.

Como artistas, professoras e pesquisadoras que residem no sul do Brasil, as componentes do projeto buscam preposições sobre os novos trânsitos. Com isso, inicialmente visitamos a Charqueada Santa Rita, em Pelotas, com o intuito de percorrer a Rota do Charque para prospectar e potencializar os modos pelo quais investigamos e produzimos arte. A partir disto, pensando sobre o processo de salga de alimentos, mais precisamente o do peixe escalado (processo produzido no litoral catarinense, mais específico em Florianópolis) e o da carne bovina, do charque gaúcho, estabelecemos a Rota da Salga. O método semelhante nas duas regiões distintas, viabiliza conexões de lugares que culminam em proposições, que são estabelecidas por contextos distintos, podendo ser desenvolvidas através de diferentes rotas: flúvio-marítimas, terrestres e aéreas.

Desse modo, trazemos para pensar questões referentes ao caminhar como método de produzir arte: Francesco Careri. Assim como Jonas Vargas e Virgílio dos Reis Várzea para pensar os contextos e os elos que unem Pelotas e Florianópolis.

2. METODOLOGIA

O trabalho realizado se iniciou a partir da proposta das pesquisadoras que consistia em percorrer uma parcela da Rota do Charque, que nos abriu a experiências para além dos trajetos já estabelecidos historicamente, uma vez que nos levou a idealizar a Rota da Salga. Em abril de 2019 as artistas se encontraram com o intuito de realizar a primeira incursão à Rota do Charque. Visitaram a charqueada Santa Rita, em Pelotas/RS, que atualmente é uma Pousada de propriedade de Suzette Chiviacowski Clark, professora universitária aposentada, que recebeu e conduziu nossa visita relatando alguns aspectos históricos do local. A charqueada está localizada às margens do arroio Pelotas, circundada por outras charqueadas que tiveram o seu apogeu, enquanto local de salga da carne, no final do século XVIII e início do século XIX.



Figuras 1 e 2. Charqueada Santa Rita, 2019, Pelotas, RS. Fotografia Raquel Ferreira e Duda Gonçalves

O método utilizado nesta primeira incursão dialoga com este passado de transeuntes pelo local. Nos colocamos enquanto artistas para prospectar e pensar os contextos, geográficos, culturais, sociais e científicos. Assim, possuímos o próprio ato de caminhar como método para abordar e pensar este lugar. O artista e pesquisador Francesco Careri ao discorrer sobre a história, conceitos, e as relações entre o caminhar e o pensar, o caminhar e a transformação de um território fala que:

O ato de atravessar o espaço nasce da necessidade natural de mover-se para encontrar alimento e as informações necessárias para a própria sobrevivência. Mas, uma vez satisfeita as exigências primárias, o caminhar transformou-se numa fórmula simbólica que tem permitido que o homem habite o mundo. Modificando os significados do espaço atravessado, o percurso foi a primeira ação estética que penetrou os territórios do caos, construindo aí uma nova ordem sobre a qual se tem desenvolvido a arquitetura dos objetos situados. O caminhar é uma arte que traz em seu seio um menir, a escultura, a arquitetura e a paisagem. A partir dessa simples ação foram desenvolvidas as mais importantes relações que o homem travou com o território. (CARERI, 2013, p. 27)

Desta forma, pensamos o lugar, suas relações com o passado e o seu estado presente, bem como sua conexão com lugares e contextos esses que estão ligados a vida de cada uma das pesquisadoras. O caminhar e o olhar propulsionam uma reflexão que conecta contextos, espaços, e relações subjetivas com esses, por meio da arte.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme a visitação a charqueada de Santa Rita, se localizou um pequeno museu onde foi possível ter contato com objetos, fotografias e banners informativos, incluindo dois sobre os viajantes que por ali passaram e descreveram o lugar por meio de textos, desenho e aquarelas. Além disso, visualizamos traços peculiares, como elementos arquitetônicos: a construção da casa original no qual moravam os charqueadores, onde é viável ver as telhas feitas nas coxas, as paredes espessas, tesouras de madeira, entre outros elementos. Em nossa estada, cada artista registrou com vídeos, fotos e anotações, peculiaridades que lhe são caras às suas pesquisas individuais, tendo em vista possíveis ressignificação desses documentos.

Ao refletimos sobre o processo da salga, foi trazida à discussão o peixe escalado - um procedimento de salga utilizado pelos pescadores no litoral catarinense, mais especificamente em Florianópolis, a fim de, assim como o charque, conservar o alimento. Ao compararmos a técnica, percebemos que além da preservação, a ação de estender o peixe para secar ao sol se assemelha à da carne. À vista disso, Várzea (1984) observa que:

Durante o inverno, quem atravessa os caminhos que cortam em várias direções as freguesias e arraiais da Ilha, não encontra uma casinha ou choupana em cujo terreiro se não ostente a secar ao sol, em varais, uma multidão de peixe escalado — tainha, enchova ou palombeta — desenhando um risonho quadro de fartura no meio dessas populações em geral pobres. Preso aos pares pelo atilho de embira, o peixe assim aberto e dependurado às varas delgadas, correndo em linha e horizontalmente sobre estacas a prumo, palpita vagamente ao vento, assemelhando-se, de longe, a enormes bandos de estranhas borboletas gigantescas, de uma cor térreo-amarelada, que pousassem ao acaso entre verdura à frente de cada vivenda. (VÁRZEA, 1984, A pesca)

Em quanto isto, Pelotas, já foi considerada a principal cidade charqueadora do Brasil, chegando a possuir 38 funcionando ao mesmo tempo. Isto decorre, segundo Jonas Vargas, da boa posição geográfica da cidade, situada entre:

O porto marítimo da cidade de Rio Grande e uma vasta fronteira composta de extensos campos de criação de gado vacum," Assim o município detinha as mais desenvolvidas charqueadas da província, o que atraía diversos investidores e concentrava milhares de escravos em suas dependências (...) Em seu período de auge, é provável que Pelotas fabricasse mais de 80% de todo o charque do Rio Grande do Sul. (VARGAS, 2013, p. 541)

Compreendemos que o trabalho já estava acontecendo por uma instância discursiva, uma vez que unimos o procedimento de conservação de alimentos distintos de dois lugares igualmente diferentes. O próximo passo foi traçar a rota pelo mapa rodoviário, disponível no *Google Maps*, e estabelecer o lugar fronteiriço entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em nossas investigações, indo pela BR 101, a fronteira entre os dois estados situa-se na altura Rio Mampituba. Estava então criada, e devidamente batizada, a Rota da Salga.

Estabelecida à fronteira, pensamos em algumas ações artísticas para desenvolver na região situada dentro do círculo amarelo na imagem acima, levando em consideração as duas cidades fronteiriças: Passo de Torres/SC e Torres/RS. A ideia é visitar a região para, em diálogo com os moradores, investigar como ocorre, e se ocorre, o processo de salga de alimentos, para partir de então gerais trabalhos colaborativos, pertinentes às ações contemporâneas em arte.



Figura 4. Rio Mampituba. Vindo da BR 101 em direção ao mar, do lado esquerdo: Passo de Torres/SC, do lado direito: Torres/RS. Fonte: Google Maps.

4. CONCLUSÕES

Nós enquanto artistas/pesquisadoras, temos em vista que a observação destes contextos implica, sobretudo, em transformar e reinventar os modos de existir e potencializar as representações simbólicas do espaço e de quem ou o que o habita. Nosso intuito inicial é o de investigar a existência de proposições artísticas já estabelecidas, como também reapresentá-las por meio de diversos dispositivos. A presente pesquisa se encontra em estágio inicial, e se apresenta em processo de desenvolvimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARERI, Francesco. **Walscapes. O caminhar como prática estética**. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2013.
- SMITHSON, Robert. **Un recorrido por los monumentos de Passaic, Nueva Jersey**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.
- VÁRZEA, Virgílio dos Reis. **Santa Catarina: a ilha**. Florianópolis: IOESC, 1984. Disponível em: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/santacatarina-virgilio-1.htm#APESCA>. Acesso em: 01 jun. 2019.
- VARGAS, Jonas. M. Abastecendo plantations: A inserção do charque fabricado em Pelotas (RS) no comércio atlântico das carnes e a sua concorrência com os produtores platinos (século XIX). In: **História (São Paulo)** v.33, n.2, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v33n2/0101-9074-his-33-02-00540.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2019.
- TELLES, Norma. **Mulheres Viajantes: Sete jornadas insólitas**. São Paulo: Annablume, 2017